

V ESCOLA DE VERÃO PEER EDUCA PARES PARA INTERVIREM EM CONTEXTOS RECREATIVOS

A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra acolheu, de 30 de Abril a 3 de Maio, a V Escola de Verão em Educação por Pares. O evento, organizado pelo grupo PEER, pelo IRE-FREA e pela Associação Existências, elegeu um vasto público-alvo, destinando-se a profissionais de saúde, educação e desenvolvimento social, a técnicos de equipas de rua e intervenção comunitária, a profissionais de turismo e eventos recreativos e estudantes.

Adquirir informações básicas sobre o uso de álcool e outras drogas em contextos recreativos e os principais problemas de segurança e saúde daí resultantes, adquirir uma visão geral dos diferentes tipos de intervenções que poderiam ser usados e a sua eficácia, apresentar boas práticas de intervenção e desenvolver directrizes para a condução e avaliação da intervenção em contextos recreativos baseados na pesquisa participativa era o retorno proposto pela organização à plateia de participantes. O evento foi preenchido por um curso de 30 horas – Intervenção em Contextos Recreativos – e, para o último dia, estava reservada a realização da conferência subordinada ao mesmo tema, com participações, entre outros, de Fernando Mendes, Amador Calafat, Karen Hughes, Thierry Charlois, Félix Carvalho, Irma Brito e Paulo Anjos.

Dependências marcou presença no evento e entrevistou dois dos organizadores, Fernando Mendes e Paulo Anjos e apresenta ainda a Carta de compromisso em promoção da saúde e segurança em contextos recreativos, um documento subscrito pelos participantes no evento e que será brevemente veiculado junto da sociedade civil.

A que principais objectivos foi subordinado este encontro?

Fernando Mendes – Este encontro teve duas vertentes: uma ligada à formação das equipas que trabalham na noite, com três dias



de trabalho e esta conferência, que encerra esse trabalho que desenvolvemos, chamando cá pessoas que, pela sua experiência e pelo trabalho que desenvolvem, podem também enriquecer a nossa formação.

E o curso, como correu?

Paulo Anjos – Correu espectacularmente bem! Foi um grupo de trabalho muito engraçado, a formação também estava muito bem constituída e o empenho, a capacidade de transmissão de conhecimentos e de partilha, quer da nossa parte quer dos formandos resultou em algo muito enriquecedor para ambas as partes.

Fernando Mendes – Foi giro porque não se tratou apenas de transmissão de informação mas também pela vivência da informação de uma forma dinâmica. Tivemos algo inovador, da responsabilidade do Paulo Anjos, o facto de termos trazido um DJ que esteve connosco da parte da tarde a falar da sua experiência, dos contextos onde trabalha, das pessoas que os frequentam, dos consumos associados aos tipos de músicas e de festas... Muita gente desconhecia estes contextos e ficámos a perceber melhor como funcionam estas coisas a partir do terreno.

Quais foram os destinatários dos cursos e da conferência?

Fernando Mendes – O evento foi dirigido a todas as pessoas que trabalhassem em contextos

recreativos, equipas de rua e outras pessoas interessadas e que pretendessem vir trabalhar connosco. Também privilegiámos a nossa rede PEER, com gente de Angola, Cabo Verde, Brasil e das unidades que já fazem parte do nosso PEER. A nossa expectativa passava por não termos mais que 30 pessoas no curso e acabámos por ter mais de 40 e pensamos que será um bom investimento realizarmos mais cursos como este no futuro.

Que retorno se consegue obter a partir deste tipo de formações?

Paulo Anjos – Desde logo, a satisfação de podermos formar pessoas nestas áreas. Capacitarmos as pessoas para intervirem e replicarem um conjunto de intervenções é muito importante e congratulante para nós. Ao mesmo tempo, garantimos um retorno a partir do conhecimento que adquirimos ao recebermos as questões e dúvidas que nos colocam. Acabam por nos colocar em questão um conjunto de assuntos, o que nos faz crescer como formadores e como técnicos.

Fernando Mendes – Há algo que já está a acontecer na rede PEER, que é o facto de partilharmos entre as cidades e as nossas unidades alguns projectos de investigação. E ontem foi lançado um desafio relativo aos contextos recreativos de cada cidade com o levantamento dos contextos, das músicas, dos consumos... Não nos satisfazemos apenas com o acto de falarmos mas pretendemos ir mais além e vermos como isto se concretiza e compararmos.

A intervenção muda muito de país para país?

Paulo Anjos – Sim, pela experiência que tenho, muda porque os contextos são diferentes. As pessoas são diferentes, movem-se em contextos culturais diferentes, formas diferentes de viver, de consumir, as próprias estruturas e organizações existentes são diferentes. E seria muito engraçado fazermos essa aproximação.



Fernando Mendes – ...Mas já foi engraçado perceber como cada um trabalha, o tipo de festas que tem... desde Angola, que tem festas todas as semanas a outros que têm menos, quando se sai, como se sai, o dinheiro que se gasta, os tipos de substâncias que se consomem nos diversos contextos... O que se passa nos outros países acaba por ser fundamental para outros territórios. A título de exemplo, aqui em Coimbra temos muita gente de Erasmus, muita gente que vem de Angola, Moçambique e Brasil. Fala-se muito nas noites africanas e brasileiras e temos que lidar com essas pessoas que vem de uma cultura diferente. Neste sentido, esta interculturalidade vem beneficiar toda a gente.

Como avaliam a intervenção que se vai fazendo em Portugal nos contextos recreativos?

Paulo Anjos – Diria que é praticamente inexistente ou, no mínimo, escassa... Com a molde humana existente, com poucos técnicos e recursos, não se consegue fazer uma intervenção adequada. Isso tinha que ser algo estruturado pelos próprios promotores dos eventos a terem um vasto conjunto de técnicos bem formados, pagos ou voluntários, que interviessem de forma massiva junto destes públicos.

As equipas que existem estão bem dotadas de recursos técnicos e de intervenções bem estruturadas?

Paulo Anjos – Há de tudo. Existem equipas com bons técnicos, bem estruturadas e com intervenções bem pensadas. O que se verifica é uma grande incapacidade para estas equipas manterem um corpo de voluntários estruturado durante muito tempo.

Fernando Mendes – Esse aspecto é muito importante... Outro aspecto que frisámos prende-se com o efeito de termos 15 técnicos num evento com 20 ou 30 mil pessoas... Ou as várias organizações se entendem e convergem para o mesmo evento criando visibilidade ou então, por muito que façamos, torna-se muito difícil obter resultados.

O que destacariam relativamente à conferência de hoje?

Fernando Mendes – O facto de termos aqui estas pessoas, que falam desta maneira é algo fantástico. São pessoas de topo, que ouvimos falar na literatura, que tivemos a possibili-

dade de trazer cá e ouvi-los. Falo da Karen, do Amador, do Félix... Deste último, por exemplo, é congratulante perceber que todo aquele conhecimento científico e informação produzida se transforma em instrumentos preventivos ou de redução de danos.

O Professor Félix Carvalho referiu a importância da implementação de uma lei que proíbe a comercialização das designadas legal highs em lojas abertas ao público. No entanto, as mesmas estão disponíveis na internet e nas ruas...

Paulo Anjos – Sem dúvida! Os sites são cada vez mais, nas ruas também já havia tráfico pois as smart shops angariavam vendedores para esse efeito que, muitas vezes, cortavam os produtos de uma forma estranha. E mesmo as smart shops continuam a existir enquanto já têm produtos novos. Por muito que goste da redução de danos, o trabalho passa sempre pela prevenção. Temos que informar massivamente os jovens que este tipo de substâncias são realmente perniciosas para a saúde. Muitos deles não têm essa noção, até as consideram inócuas e temos que alterar essa falsa aparência de segurança. Não podemos continuar a brincar com isto, ora fechando uma loja, ora fazendo redução de danos.

Fernando Mendes – Estas novas substâncias implicam uma lógica preventiva que já tínhamos abandonado há uns tempos atrás, que é voltarmos a falar sobre as substâncias de uma forma muito crítica mas também muito técnica para que as pessoas entendam do que estamos a falar.

Há que ser sensacionalista?

Fernando Mendes – Creio que sim... Estou a ver alguns puristas a ficarem alarmados com isto mas, entre o purismo e a realidade, que cada um fique com a sua. Agora, a abordagem preventiva vai ter que mudar.

Porquê formar os profissionais dos estabelecimentos de diversão nocturna?

Fernando Mendes – Porque acho que fazem parte de uma constelação que pode facilitar muito a vida das pessoas que lá vão. Podem ser agentes preventivos, pessoas que cuidam, que estão atentas, que respondem com quali-

dade e com alguma tranquilidade a algumas situações. Se estiverem formados, todas as pessoas que os frequentam podem beneficiar.

Mas não será utópico ou contraditório relativamente aos interesses que os mesmos servem?

Fernando Mendes – Não. Um atendimento simpático, um olhar atento às situações, o ter água disponível, o saber responder a uma situação de primeiro socorro, o poder controlar algumas situações de violência de uma forma mais profissional são atitudes que beneficiam toda a gente. Se souber que vou para um sítio para me divertir e souber que estou a ser cuidado porque existem profissionais que acontecerão a uma série de situações mínimas que poderão acontecer, estarei muito mais à vontade. O mesmo se passa quando vamos ao hospital: se soubermos que existem bons médicos, estamos à vontade; se soubermos que não possuem boa formação...

Esses profissionais têm aderido?

Fernando Mendes – Nós acabámos de lançar o manual, estamos a negociar a realização de uma acção de formação no Líbano e vamos começar a fazer a divulgação.

O que pretendem através desta carta de Carta de compromisso em promoção da saúde e segurança em contextos recreativos?

Fernando Mendes – Há uns anos, eu e o Paulo tentámos arrancar com uma coisa que nos pareceu inovadora, um observatório dos contextos recreativos nacionais. Por várias razões, com muita pena nossa, nunca se concretizou. Para já, descemos um passo e fomos mais simples e talvez mais. Se toda a gente estiver de acordo com coisas simples e básicas, que não ferem a sensibilidade de ninguém, podemos ir conquistando uns e outros, ONG, serviços e indústria...

A quem é dirigida a carta?

Fernando Mendes – A toda a gente. Creio que toda a gente está preocupada em ter contextos recreativos seguros. Não é por acaso que chegámos agora às festas universitárias e anda toda a gente preocupada... A carta informa, sensibiliza e põe as pessoas a olharem para estruturas como a nossa de uma outra maneira.

